



Espumas Flutuantes

Castro Alves

A época: contexto histórico do Romantismo

O período de maior vigor da estética romântica corresponde à primeira metade do século XIX, época em que a civilização ocidental vive profundas contradições, grande parte delas trazida pela Revolução Industrial e pelo aumento de complexidade social determinado por ela.

Assim, a estética romântica vai expressar os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a burguesia, que ainda não subiu. Resultam daí as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento.

A Europa vivenciava grandes mudanças já desde a segunda metade do século XVIII. Entre elas, cabe destacar a crise das monarquias nacionais absolutistas e a Revolução Francesa, com a disseminação dos seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Assiste-se também ao surgimento do Liberalismo em política, moral, economia e arte e a uma nova escala de valores em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

Tantas transformações históricas, sociais e culturais exigem a compreensão global do complexo romântico, para que se possam entender os vários níveis de abordagem do movimento e sua riqueza de motivos e temas: o amor, a saudade, a dor, a infância, a pátria, a natureza, a religião, o passado são apenas alguns dos principais.

O Brasil também vive uma fase peculiar; a vinda da família real, em 1808 e sua permanência na colônia até 1821 determinaria profundas mudanças e marcantes ocorrências políticas e sociais, entre as quais se destacam:

Num primeiro momento:

- a abertura dos portos;
- a criação da Imprensa Régia;
- a fundação do Banco do Brasil;
- a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Em 1822:

- a Independência do Brasil, que teve como consequência direta na arte um clima de euforia e ufanismo patriótico, com a exaltação da pátria, da terra, da gente e da natureza brasileiras;
- início do Primeiro Reinado, que se estenderia até 1831, com a abdicação de D. Pedro I.

De 1831 a 1840:

- Período Regencial;
- em 1835, o início da Guerra dos Farrapos, que se estenderia até 1845.
- Em 1840, a Proclamação da Maioridade de D. Pedro II, sagrado e coroado Imperador do Brasil no ano seguinte.

De 1841 a 1889, o Segundo Reinado, marcado pelas seguintes contingências:

- de 1841 a 1851, período de fortalecimento do regime e pacificação do país;
- de 1850 a 1889, fase de estabilidade política e intervenções militares em países vizinhos;

- de 1864 a 1870, a Guerra do Paraguai;
- em 1870, o início do processo de decadência do Império, que culminaria com a Proclamação da República em 1889.

A sociedade brasileira não assistia, ainda, à época do Romantismo, ao processo industrial vivenciado na Europa. Dessa forma, nossa intelectualidade era formada pelos filhos das famílias ricas do campo, que iam estudar em São Paulo, Recife e Rio como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Franklin Távora ou os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, e Sílvio Romero. Castro Alves insere-se neste último caso.

A estética romântica: riqueza de motivos e abordagens

O fulcro da cosmovisão romântica é o sujeito. O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão, foge à realidade. Assim, podem-se evidenciar, no movimento, algumas constantes:

- o egocentrismo, o narcisismo, que em determinados momentos — como no Ultrarromantismo — assumem a forma de verdadeira egolatria;
- predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, dando vazão a um verdadeiro derramamento de emoções a ao excesso de sentimentalismo;
- desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo;
- a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o plano do real e do concreto;
- a fuga à realidade, a evasão, o escapismo, manifesto de diversos modos:
- na fantasia, com o artista criando mundos em que o "eu" possa encontrar consolo;
- no tempo, com o retorno ao medievalismo, ao passado remoto: referências a terras exóticas, a lugares longínquos;
- na Natureza, buscando remédios para os males do coração;
- na deserção total, através da morte, sobretudo para os ultrarromânticos;
- a introversão, a sondagem do mundo interior, que determinará a mundividência romântica e também a visão da Natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do "eu", ao contrário da época anterior, neoclássica, árcade;
- o nacionalismo, a exaltação da pátria, o ufanismo;
- a liberdade de expressão, o uso da língua como veículo das emoções do "eu" e, para tanto, o emprego insistente de algumas figuras de estilo, como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia, a apóstrofe etc.

O poeta: vida breve e tumultuada

Nascido em 1847, na Fazenda Cabaceiras, Currulinho (atual Castro Alves), interior da Bahia, Antônio de Castro Alves morreu, tuberculoso, em 1871, em Salvador.

Teve vida breve e tumultuada: órfão de mãe aos 12 anos, apaixonou-se ainda jovem pela atriz Eugênia Câmara, para quem escreve o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas* e de quem vem acompanhado para São Paulo, onde se matricula na Faculdade de Direito e defende eloquentemente os ideais abolicionistas. Ferido no pé acidentalmente, vê-se obrigado a amputá-lo e volta para a Bahia, já minado pela tuberculose.

Sua poesia lírica, contida em *Espumas flutuantes*, caracteriza-se pelo estilo expressivo, sonoro, marcado por plangente musicalidade e pelo largo emprego das figuras de linguagem: antíteses, metáforas, sinestésias, apóstrofes e outras.

Cultivou também a poesia intimista e realizou-se notavelmente na poesia abolicionista, de caráter participante, engajado, mostrando compromisso com as injustiças de seu tempo, num brado de revolta contra a escravidão. Também nesta, é marcante o estilo condoreiro, eloquente, com forte tendência para o retórico, o declamatório, fazendo aproximações com o estilo discursivo, de forte comunicabilidade. Há grande incidência de apóstrofes, hipérboles, metáforas grandiloquentes, prosopopeias, antíteses,

paradoxos, aliterações, assonâncias etc. São dignos de destaque os poemas “O navio negreiro”, “Vozes d’África” e “O vidente”, de *Os Escravos*, e “A tarde”, “A senzala” e “Sangue africano”, de *A Cachoeira de Paulo Afonso*.

Castro Alves e a terceira geração romântica

A produção literária de Castro Alves surge numa época em que o Brasil vive o Segundo Reinado (1840-1889), sob a administração de D. Pedro II, que, três anos antes do previsto, no dia 23 de julho de 1840, tem proclamada a sua maioridade e presta o juramento. Trata-se de um período em que o Brasil passa por grandes dificuldades políticas e a Literatura atravessa o Romantismo inspirado na França de Victor Hugo e nas liberdades que vêm trazer novo alento à expressão artística nacional. É nesse período que um Alencar, representando a 1ª geração romântica, traz para a prosa a valorização da língua, do espaço e das personagens nacionais, com o seu indianismo. A poesia romântica, livre de “regras e modelos”, dá-nos um Gonçalves Dias, com *Canção do Exílio*, por exemplo.

Os anos 40 forjaram a tradição romântico-nacionalista, ao passo que os seguintes, inspirados no subjetivismo de Byron, propiciaram o aparecimento da chamada segunda geração romântica: a do “mal-do-século” ou byroniana.

Alfredo Bosi, na obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma, sobre essa fase:

“Alguns poetas adolescentes, mortos antes de tocarem a plena juventude, darão exemplo de toda uma temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio.”

Nomes como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela deixaram páginas que registram um estado d’alma, um *animus* que se dissolve na amargura, na tristeza e na morte precoce.

Alfredo Bosi não se esquece de mencionar alguns que, transitoriamente, retomaram “o americanismo de Gonçalves Dias ou as efusões sentimentais de Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu”.

A terceira geração romântica encontra um Brasil às voltas com o crescimento urbano em detrimento do ruralismo, com os ideais democráticos que repudiam a tradição de servilismo do Brasil-Império. A escravidão passa a ser prática abjeta, pensa-se em República e o Império vai-se esvaindo, gradativamente a caminho da extinção. Altera-se também a expressão verbal e a poesia assume outros modelos.

A maior expressão de uma poesia romântica madura é Castro Alves. O amor idealizado, platônico de outrora cria cores fortes, materializa-se. De etérea, longínqua e inatingível, a figura feminina humaniza-se, torna-se “co-sujeito” da vivência humana. E Castro Alves soube, paralelamente aos ideais épicos e sociais, cantar o erotismo inculpável e a graça palpável da mulher amada:

“Onde vais, estrangeiro! Por que deixas
O solitário albergue do deserto?
O que buscas além dos horizontes?
Por que transpor o píncaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto?
.....
“Onde vais, belo moço? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pajem?
E quando a negra insônia te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora,
Há de cantar-te seu amor selvagem?
(fragmento de “O Hóspede”)

Espumas flutuantes: uma obra lírica especial

Castro Alves inaugura no verso romântico a abordagem do amor realizado, fruído, e nisto se opõe à geração precedente: a byroniana, para quem o amor devera ser dolorido, inalcançável, doentio e choroso

do infortúnio. Assim, sua lírica amorosa perpassa o sensual, o erótico desassombrado, o amor em ato; tal que, no dizer de Eliane Zagury, recria um “clima semi-épico”, quando, muita vez, o poema se torna narrativo. Insiste a autora: “Observa-se a movimentação: primeiro, a enunciação do tema, de cunho bem romântico, do eterno viajante à cata de aventura e heroísmo, incapaz de fixar-se geográfica e afetivamente, porque tem uma missão no ideal da justiça e da liberdade, novo cavaleiro andante, agora envolto em capa e espada, máscara de bandido e título de nobreza:...”

Sua lírica amorosa apresenta uma concepção abrangente do amor; com a abordagem do amor realizado, fruído, em oposição ao erotismo irrealizado da segunda geração romântica e a exaltação do amor masculino, donjuanesco. Assim, a experiência amorosa é expressa em sua plenitude sentimental e carnal. Cabe destacar, aqui, os poemas “Adormecida”, “O Adeus de Teresa”, “O Gondoleiro do Amor” e “Hino ao Sono”:

Adormecida

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despertada a meio,
Para não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
“Ó flor! — tu á a virgem das campinas
“Virgem! — Tu és a flor de minha vida!...

“Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo,
E o pé descalço do tapete rente.

‘Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados.
Indiscretos entravam pela sala,
E leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos — beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava.., a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia.

O Adeus de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...

E amamos juntos... E depois na saia
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela corando, murmurou-me: adeus".

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E ela corando, murmurou-me: "adeus".
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus".

Passaram tempos... séc'Ios de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empírio...
Mas um dia volvi aos lares meus,
Partindo eu disse — Voltarei! descansa!..."
Ela chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus".

Quando voltei.., era o palácio em festa!...
E a voz d'ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! Ela me olhou branca.., surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me "adeus!".

O Gondoleiro do Amor

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando à flor,
Douram teus olhos a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é cavarina
Dos palácios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento.

E como em noites de Itália
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora
Que o horizonte enrubesceu,
— Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubi-as do céu;

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao túbio clarão da lua,
Que, ao murmúrio das volúpias,
Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,
Do teu colo no languor
Vogar, naufragar, perder-se
O Gondoleiro do amor!?

Teu amor na treva é — um astro,
No silêncio uma canção,
É brisa — nas calmarias,
É abrigo — no tufão;

Por isso eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dor...
Rosa! Canto! Sombra! Estrela!
Do Gondoleiro do amor.

Hino ao Sono

Ó Sono! á noivo pálido
Das noites perfumosas,
Que um chão de nebulosas
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pâmpanos,
Na branca fronte enrolas
As lânguidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitárias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta nua
Na onda azul do mar,
Com o dedo sobre os lábios
No vô silencioso,
Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do mísero!
Consolação do aflito!
Descanso do precito,
Que sonha a vida em ti!
Quando a cidade tétrica
De angústia e dor não geme...
E tua mão que espreme
A dormideira ali.

Em tua branca túnica
Envolves meio mundo...
E teu seio fecundo
De sonhos e visões,

Dos templos aos prostíbulos,
Desde o tugúrio ao Paço,
Tu lanças lá do espaço
Punhados de ilusões!...

Da vide o sumo rúbido,
Do hatchiz a essência,
O ópio que a indolência
Derrama em nosso ser,
Não valem, gênio mágico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo de viver...

Ó sono! Unge me as pálpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abrasa o crânio meu.
Como o pastor da arcádia³⁵,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as pétalas
Do lírio que pendia,
Chorando a luz do dia
E os raios do arrebol,
Também fecha-me as pálpebras...
Sem Ela o que é a vida?
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.

O leite das eufórbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, á Deus sereno!
Ó Deus consolador!
Com teu divino bálsamo
Cala-me a ansiedade!
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dor.

Mas quando, ao brilho rútilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me súbito...
É minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
É minha amante enfim!

Ó sono! Ó Deus noctívago!
Doce influência amiga!
Gênio que a Grécia antiga
Chamava de Morfeu
Ouve!... E se minhas súplicas
Em breve realizares...
Voto nos teus altares
Minha lira de Orfeu!

O amor é um dos temas mais importantes na obra castralviana, mesmo porque sua concepção de amor é abrangente: ama a família, ama as amantes, ama o ser humano. É um amor cosmopolita que invade sua obra lírica, épica e social ou lírico-épico-social.

Vejam-se trechos reveladores do amor familiar, que explodirá em “amor à Humanidade”. Pensando que morreria antes de seu pai, o que não aconteceu, dirige-se à irmã:

“Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
O pranto de meu pai nos teus cabelos...”
À mãe, já órfão de pai, dirige os versos:
“Ó mãe, ó mãe sublime em cuja fronte pura
O amor como uma auréola esplêndida fulgura
Por que não ralhas, rindo o grupo folgazão
Que vem correndo alegre beijar-te a branca mão?”

A saudade da casa que o viu criança e do pai médico inspira-lhe outros versos:

“Por que não volta mais o meu senhor d’outrora?
Por que não vem sentar-se no banco do terreiro
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro?
E pensando no lar, na ciência, nos pobres
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?”

A poesia, no dizer do crítico Massaud Moisés, é a-narrativa. Tem, então, certo caráter descritivo, através do qual o “eu-lírico” revela determinados processos — mais afetivos — psicológicos — que materiais. A poesia expressa um sentir extremamente pessoal do “eu-lírico”, acima do alcance do “eu-poeta-civil”: o registro de um instante mágico.

Desta forma, se Castro Alves dirige seu discurso lírico-amoroso a uma ou outra musa, se aborda este ou aquele motivo, ele o faz por meio do “eu-lírico”, que ultrapassa os limites do próprio homem Castro Alves. Assim, não sendo o “eu-lírico-amoroso” um narrador — já que não relata, mas lamenta, chora, invoca, agradece, cultua ou maldiz — a óptica, o ponto-de-vista não é o da fábula: move-o uma experiência ímpar, que faz desnudar-se o “eu” por meio da expressão verbal penosa e artisticamente trabalhada.

Vale, ainda, citar Eliane Zagury, quando afirma:

“[...] falávamos de versos de circunstância, improvisados na maioria das vezes, alusivos a situações concretas, momentâneas, sem mais função que o prazer estético do brilhantismo verbal, baseado exatamente na sua efemeridade. Ao lado desta, corre paralela uma outra poesia de circunstância em tom maior, com lugar de honra no sarau de classe. É a poesia que existe como resposta do poeta à circunstância da sua vida. Não mais o galanteio, não mais a reverência à personalidade de destaque — é agora o seu amor real, a sua ideia, o eu que se desnuda.”

O poeta Castro Alves representa uma vida nova no panorama romântico brasileiro. À palidez tristonha e mórbida — em que se mesclam o sensualismo e figuras femininas impalpáveis, etéreas, até divinizadas — buscada pelos byronianos impõe-se a voz altissonante do poeta condoreiro. O amor por ele cantado é concretizado em sua essência, é carnal e prazeroso; opondo-se, assim, à concepção do sensualismo irrealizado, frequente na obra daqueles que o precederam na década de 40, como Álvares de Azevedo, que exprime, em sua poesia, uma sensualidade reprimida, inatingível, aos moldes da geração egótica, representativa da segunda fase romântica brasileira.

Radical na expressão, Castro Alves procura o verbo contundente, explícito, a palavra de alta sonoridade. Utiliza recursos de linguagem, para a mais alta expressão da poesia romântica, que levam Eugênio Gomes a referir-se, assim, a um dos poemas:

“Castro Alves tende por isso a materializar, em sua imageria, até mesmo as coisas fluidas ou simplesmente audíveis. Assim, quando diz, em “Aves de Arribação”: “a noite enrolava os descampados”, confere à treva, com o concurso tão expressivo do verbo “enrolar”, o volume plástico de um corpo.”

O emprego das antíteses o conduz à exploração topográfica, através da qual as elevações do relevo são recursos de sua imagética. A dimensão espacial ampla não raro cede lugar ao elemento feminino — à mulher — que “assume proporções enormes e mesmo cósmicas...” *

"Que importa o vendaval, a noite, os euros,
Os trovões predizendo o cataclismo...
Se em ti pensando some-se o universo,
E em ti somente eu cismo...

Tu és a minha vida... o ar que aspiro...
Não há tormentas quando estás em calma.
Para mim só há raios em teus olhos,
Procelas em tua alma!

Castro Alves cultivou também a poesia intimista, em que se evidencia a dúvida e fatalismo em relação à existência, com a presença da morte, o que lhe confere tom depressivo, influência da mundividência romântica. São exemplos os poemas "Mocidade e morte", "O Voo do Gênio" e "Quando eu morrer":

Mocidade e Morte

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas.
Vem! formosa mulher — camélia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas.
Minh'alma é a borboleta, que espaneja
O pó das asas lúcidas, douradas...

E a mesma voz repete-me terrível,
Com gargalhar sarcástico: — impossível!

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio,
Vejo além um futuro radiante:
Avante! — brada-me o talento n'alma
E o eco ao longe me repete — avante! —
O futuro.., o futuro.., no seu seio...
Entre louros e bênçãos dorme a glória!
Após — um nome do universo n'alma,
Um nome escrito no Panteon da história.

E a mesma voz repete funerária: —
Teu Panteon — a pedra mortuária!

Morrer — é ver extinto dentre as névoas
O fanal, que nos guia na tormenta:
Condenado — escutar dobres de sino,
— Voz da morte, que a morte lhe lamenta —
Ai! morrer — é trocar astros por círios,

Leito macio por esquife imundo,
Trocar os beijos da mulher — no visco
Da larva errante no sepulcro fundo.

Ver tudo findo.., só na lousa um nome,
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer.., dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida:
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.
Sou o cipreste, qu'inda mesmo flórido,
Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo que vaga sobre o chão da morte,
Morto — entre os vivos a vagar na terra.
Do sepulcro escutando triste grito
Sempre, sempre bradando-me: maldito! —

E eu morro, é Deus! na aurora da existência,
Quando a sede e o desejo em nós palpita...
Levei aos lábios o dourado pomo,
Mordi no fruto podre do Asphaltita.
No tricínio da vida — novo Tântalo —
O vinho do viver ante mim passa...
Sou dos convivas da legenda Hebraica,
O `stilete de Deus quebra-me a taça.

É que até a minha sombra é inexorável,
Morrer! morrer! soluça-me implacável.

Adeus, pálida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus, glória! amor! anelos!
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos.
Fora louco esperar! fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro — a terra,
Por glória — nada, por amor — a campa.

Adeus! arrasta-me uma voz sombria
Já me foge a razão na noite fria!...

O Vôo do Gênio

Um dia, em que na terra a sós vagava
Pela estrada sombria da existência,
Sem rosas — nos vergéis da adolescência,
Sem luz d'estrela — pelo céu do amor;
Senti as asas de um arcanjo errante
Roçar-me brandamente pela frente,
Como o cisne, que adeja sobre a fonte,
Às vezes toca a solitária flor.

E disse então: "Quem és, pálido arcanjo!
Tu, que o Poeta vens erguer do pego?
Eras acaso tu, que Milton cego
Ouvia em sua noite erma de sol?
Quem és tu? Quem és tu?" — "Eu sou o gênio",

Disse-me o anjo "vem seguir-me o passo,
Quero contigo-me arrojado no espaço,
Onde tenho por c'roas o arrebol".

"Onde me levas, pois?... " — "Longe te levo
Ao país do ideal, terra das flores,
Onde a brisa do céu tem mais amores
E a fantasia lagos mais azuis...
E fui.., e fui.., ergui-me no infinito,
Lá onde o vôo d'águia não se eleva...
Abaixo — via a terra — abismo em treva!
Acima — o firmamento — abismo em luz!

"Arcanjo! arcanjo! que ridente sonho!"
— "Não, poeta, é o vedado paraíso,
Onde os lírios mimosos do sorriso
Eu abro em todo o seio, que chorou,
Onde a loura comédia canta alegre,
Onde eu tenho o condão e um gênio infindo,
Que a sombra de Molière vem sorrindo
Beijar na fronte, que o Senhor beijou..."

"Onde me levas mais, anjo divino?"
— "Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas,
O canto das esferas namoradas,
Quando eu encho de amor o azul do céu.
Quero levar-te das paixões nos mares.
Quero levar-te a dédalos profundos,
Onde refervem sóis... e céus... e mundos...
Mais sóis... mais mundos, e onde tudo é meu..."

"Mulher! mulher! Aqui tudo é volúpia:
A brisa morna, a sombra do arvoredado,
A linfa clara, que murmura a medo,
A luz que abraça a flor e o céu ao mar.
Ó princesa, a razão já se me perde,
És a sereia da encantada Sila.
Anjo, que transformaste-te em Dalila,
Sansão de novo te quisera amar!

"Porém não paras neste vôo errante!
A que outros mundos elevar-me tentas?
Já não sinto o soprar de auras sedentas,
Nem bebo a taça de um fogoso amor.
Sinto que rolo em bárraros profundos...
Já não tens asas, águia da Tessália,
Maldições sobre ri... tu és Onfália,
Ninguém te ergue das trevas e do horror.

"Porém silêncio! No maldito abismo,
Onde caí contigo criminosa,
Canta uma voz, sentida e maviosa,
Que arrependida sobe a Jeová!
Perdão! Perdão! Senhor, p'ra quem soluça,
Talvez seja algum anjo peregrino...
Mas não! inda eras tu, gênio divino,
Também sabes chorar, como Eloá!

"Não mais, ó serafim! suspende as asas!
 Que, através das estrelas arrastado,
 Meu ser arqueja louco, deslumbrado,
 Sobre as constelações e os céus azuis.
 Arcanjo! Arcanjo! basta... já contigo
 Mergulhei das paixões nas vagas céulas...
 Mas nos meus dedos — já não cabem — pérolas —
 Mas na minh'alma — já não cabe — luz!...

O canto de um liberal progressista

Castro Alves abraçou as ideias liberais, abolicionistas e republicanas, escrevendo, também, poemas de admiração à natureza, nos quais faz a exaltação de seus aspectos grandiosos, com alusão às aves de grande porte, como o condor e a águia.

Seus poemas marcam-se, ainda, por louvação a datas, à pátria, a pessoas etc., e pela exaltação do progresso, da máquina, da locomotiva, das ideias sociais, com grande plasticidade nas descrições, vigor, ritmo, tom declamatório.

Contrapondo-se aos poetas que o antecederam, os byronianos, os quais buscavam também no campo o remédio para as mazelas urbanas, Castro Alves mostra-se feliz com a introdução da máquina na região campesina. É um adepto da evolução social, tecnológica e intelectual:

Nessa linha, merecem menção os poemas "O Livro e a América", "Ao Dous de Julho", "Pedro Ivo", "Oitavas a Napoleão", com destaque para os dois primeiros:

O Livro e a América

Talhado para as grandezas,
 P'ra crescer, criar, subir,
 O Novo Mundo nos músculos
 Sente a seiva do porvir.
 — Estatuário de colossos —
 Cansado doutros esboços
 Disse um dia Jeová:
 — Vai, Colombo, abre a cortina
 "Da minha eterna oficina...
 "Tira a América de lá."

Molhado inda do dilúvio,
 Qual Trirão descomunal,
 O continente desperta
 No concerto universal.
 Dos oceanos em tropa
 Um — traz-lhe as artes da Europa,
 Outro — as bagas de Ceilão...
 E os Andes petrificados,
 Como braços levantados,
 Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:
 "Tudo marcha!... Ó grande Deus!
 As cataratas — p'ra terra,
 As estrelas — para os céus
 Lá, do péio sobre as plagas,
 O seu rebanho de vagas
 Vai o mar apascentar...
 Eu quero marchar com os ventos,

Com os mundos... co'os firmamentos!!!
E Deus responde — "Marchar!"

"Marchar!... Mas como?... Da Grécia
Nos dóricos Partenons'
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteons?...
Marchar co'a espada de Roma
— Leoa de ruiva coma
De presa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...
— Com as garras nas mãos do mundo,
— Com os dentes no coração?...

"Marchar!... Mas como a Alemanha
Na tirania feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?...
Não!... Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos
São degraus do progredir...
Lá brada César morrendo:
"No pugilato tremendo
"Quem sempre vence é o porvir!"

Filhos de séc'lo das luzes!
Filhos da Grande nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo
Eólo de pensamentos,
Que abraza a gruta dos ventos
Donde a Igualdade voou!...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O séc'lo, que viu Colombo,
Viu Gutenberg também.
Quando o tosco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros., livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.

Vós, que o templo das ideias
 Largo — abris às multidões,
 P'ra o batismo luminoso
 Das grandes revoluções,
 Agora que o trem de ferro
 Acorda o tigre no cerro
 E espanta os caboclos nus,
 Fazei desse "rei dos ventos
 — Ginete dos pensamentos,
 — Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro
 Fecundando a multidão!...
 Num poema amortalhada
 Nunca morre uma nação.
 Como Goethe moribundo
 Brada "Luz!" o Novo Mundo
 Num brado de Briaréu...
 Luz! pois, no vale e na serra...
 Que, se a luz rola na terra,
 Deus colhe gênios no céu!...

Ao Dous de Julho

Era no dous de julho.
 A pugna imensa
 Travara-se nos certos da Bahia...
 O anjo da morte pálido cosia
 Uma vasta mortalha em Pirajá.
 "Neste lençol tão largo, tão extenso,
 "Como um pedaço roto do infinito...
 O mundo perguntava erguendo um grito:
 "Qual dos gigantes morto rolará?!..."

Debruçados do céu... a noite e os astros
 Seguiam da peleja o incerto fado...
 Era a tocha — o fuzil avermelhado!
 Era o Circo de Roma — o vasto chão!
 Por palmas — o troar da artilharia!
 Por feras — os canhões negros rugiam!
 Por atletas — dous povos se batiam!
 Enorme anfiteatro — era a amplidão!

Não! Não eram dous povos, que abalavam
 Naquele instante o solo ensanguentado...
 Era o porvir — em frente do passado,
 A Liberdade — em frente à Escravidão,
 Era a luta das águias — e do abutre,
 A revolta do pulso — contra os ferros,
 O pugilato da razão — com os erros,
 O duelo da treva — e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indômita...
 As bandeiras — como águias eriçadas —
 Se abismavam com as asas desdobradas
 Na selva escura da fumaça atroz...
 Tonto de espanto, cego de metralha,
 O arcanjo do triunfo vacilava...

E a glória desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis!...

Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — Liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Colúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos de Cabrito,
Um pedaço de gládio — no infinito...
Um trapo de bandeira — n'ampidão!...

Comentários gerais

Castro Alves surge na época em que o Brasil vive um Romantismo esmaecido, porém, vivo. As novas tendências que golpeavam a estética não tinham, ainda, alcançado êxito absoluto: havia focos de resistência. Na verdade, o Romantismo sobreviveu até 1860 e se prolongou por mais uma geração. Em 1883 ainda se registra uma poesia brasileira que mescla sentimentalistas, liristas puros, condoreiros (Castro Alves) e realistas.

Evidentemente, Castro Alves não escapa às influências da escola romântica, entretanto, sua obra prevê um Romantismo já aproximado do Realismo emergente. Seu penúltimo poema, intitulado Uma página de Escola Realista, atesta o fato. Na verdade o ideário do poeta é voltado para uma visão plena da vida amorosa e para a reação aos problemas sociais, políticos e culturais.

No âmbito da poesia social — a de combate ao escravismo negro — há quem o acuse de demagogo e propenso à discriminação, devido a certa forma de alusão à raça negra:

"Onde vais à tardezinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A grama um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...
.....

Serão amores deveras?
Ah! Quem dessas primaveras
Pudesse a flor apanhar!
E contigo, ao tom d'aragem,
Sonhar na rede selvagem...
À sombra do azul palmar!"

Tudo quanto a crítica já falou da obra poética de Castro Alves atesta a grandiosidade do poeta. Uma grandiosidade que se marca não só pela qualidade do texto, pelo uso do léxico, da perfeição métrica, do ritmo grandiloquente e das rimas, mas também pela qualidade oratória que sua declamação apresentou. Cabe ressaltar que, à época, a poesia era produto não apenas para leitura, mas também para audição. Os

encontros literários eram concorridos e neles Castro Alves obteve muito do êxito que o consagrou. O público erudito de seu tempo aclamou calorosamente seu vate que, orgulhoso, acumulava elogios até mesmo de estrangeiros, como registra uma carta do poeta a seu amigo Augusto Álvares Guimarães, datada de 8 de abril de 1868, em São Paulo:

“[...] Recitei uma poesia logo no começo da sessão e... fui extremamente feliz. Muitos lentes da Academia aí se achavam, o Saldanha Marinho, etc... e todos me receberam da maneira mais lisonjeira. Imagina que até a senhora do Cônsul inglês (uma inglesa, meu caro) veio, entusiasmada dizer-me: ‘Mim gostar muito da sua recitativa’!...”

Atividades

1. (FUVEST)

I. Pálida, à luz da lâmpada sombria
Sobre o leito de flores reclinada
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor, ela dormia!

II. Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço no tapete rente.

Os dois textos apresentam diferentes concepções da figura da mulher.

- a) Apontar nos dois textos situações contrastantes que revelam essas diferentes concepções.
 - b) Se ambos os textos são românticos, como explicar a diferença no tratamento do tema?
2. Como se pode dividir, ou entender a produção poética de Castro Alves?
3. Que fase da produção poética de Castro Alves representa *Espumas Flutuantes*?